

# LINGUAGENS DE RESISTÊNCIA X METAFÍSICA DA PRESENÇA

Davi Santos da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho reflete sobre como as linguagens de resistência utilizadas pela comunidade LGBTQIA+ podem auxiliar no processo de desconstrução da metafísica da presença. Pensando em linguagem, abordamos o processo de desconstrução, enfatizando que em termos derridianos a linguagem ultrapassa o pensamento binário significante/significado e expande esse pensamento dualístico, especificando que a linguagem de resistência utilizada pela comunidade LGBTQIA+ é uma luta construída cotidianamente contra os regimes heteronormativos, sendo assim um ato de resistência dessa comunidade abjeta e marginalizada. Com metodologia de caráter qualitativo, esse artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de dissertação, no qual apresento uma parte teórica que se embasa em Jacques Derrida (2019), Paul Preciado (2019), Judith Butler (2021), Michel Foucault (1985), Anderson Ferrari (2015) e Richard Miskolci (2021).

## PALAVRAS-CHAVE

Linguagens; Linguagens de Resistência; LGBTQIA+; Metafísica da Presença.

## ABSTRACT

This work reflects on how the languages of resistance used by the LGBTQIA+ community can assist in the process of deconstructing the metaphysics of presence. Thinking about language, we approach the process of deconstruction, emphasizing that in Derridian terms, language goes beyond the binary signifier/signified thought and expands this dualistic thought, specifying that the language of resistance used by the LGBTQIA+ community is a struggle built daily against heteronormative regimes, thus being an act of resistance of this abject and marginalized community. With a qualitative methodology, this article presents an excerpt from a dissertation research, in which I present a theoretical part that is based on Jacques Derrida (2019), Paul Preciado (2019), Judith Butler (2021), Michel Foucault (1985), Anderson Ferrari (2015) and Richard Miskolci (2021).

## KEYWORDS

Languages; Resistance Languages; LGBTQIA+; Metaphysics of Presence.

---

<sup>1</sup> Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC - UESB). Desenvolve estudos em etnias, gênero e diversidade sexual no contexto das relações étnicas

---

## **(DES)<sup>2</sup> INICIANDO...**

As linguagens de resistência são ferramentas poderosas utilizadas pela comunidade LGBTQIA+<sup>3</sup> para desafiar e (des)construir conceitos sociais e culturais, incluindo a metafísica da presença. Essas linguagens geralmente se manifestam de várias formas, como arte, música, literatura, performance e ativismo político. Uma das maneiras pelas quais as linguagens de resistência podem auxiliar no processo de desconstrução da metafísica da presença é através da subversão de normas e padrões estabelecidos. Ao desafiar as noções tradicionais de identidade, gênero e sexualidade, a comunidade LGBTQIA + lança luz sobre as limitações dessas construções sociais e abre espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade humana.

Além disso, as linguagens de resistência também oferecem uma plataforma para contar histórias e experiências que muitas vezes são marginalizadas e silenciadas pela sociedade dominante. Ao dar voz a essas narrativas, a comunidade LGBTQIA + não apenas desafia a hegemonia cultural, mas também promove a empatia e a compreensão entre as pessoas. Através da expressão artística e do ativismo político, a comunidade LGBTQIA + pode criar espaços seguros e inclusivos onde os indivíduos podem se reconhecer e se conectar reciprocamente, construindo laços de solidariedade e resistência. Essas linguagens oferecem uma maneira poderosa de desafiar as estruturas de poder existentes e promover a igualdade e a justiça social.

As linguagens de resistência utilizadas pela comunidade LGBTQIA + desempenham um papel crucial no processo de desconstrução da metafísica da presença, ao desafiar as normas e construções sociais condicionais, dar voz a experiências marginalizadas e promover a inclusão e a diversidade. Essas linguagens não apenas resistem à opressão, mas também oferecem uma visão transformadora do mundo, onde a acessibilidade, a compreensão e o respeito mútuo são observados e elevados.

Este trabalho visa evidenciar como as linguagens de resistência utilizadas pela comunidade LGBTQIA + podem auxiliar no processo de desconstrução da metafísica da presença. Pensando em linguagem abordamos o processo de desconstrução, enfatizando que, em termos derridianos, a linguagem ultrapassa o pensamento binário significante/significado e desconstrói esse pensamento dualístico, especificando que a linguagem de resistência utilizada pela comunidade LGBTQIA+ é uma luta construída cotidianamente contra os regimes heteronormativos, sendo assim um ato de resistência dessa comunidade

---

2 Utilizo o Des, pensando no início da palavra desconstrução, a partir das considerações derridianas.

3 Utilizo a sigla LGBTQIA+ para abordar identidades coletivas e a evolução de movimentos dissidentes de gênero (FACCHINI, 2005).

---

abjeta e marginalizada.

Com metodologia de caráter qualitativo exemplificamos a descrição das teorias realizadas na construção da dissertação *Catu e Lei do Gênero: Linguagens de Resistência*, abordando como as linguagens de resistência utilizadas pela comunidade LGBTQIA+, auxiliam no processo de desconstrução da metafísica da presença e constituem táticas de resistência que é um processo de negociação com a lei do gênero (DERRIDA, 2019).

O escrito foi dividido em três seções. A primeira com o título: *Jacques Derrida e a desconstrução da metafísica da presença*, mostra como Derrida questiona essa noção de presença como fundamento último da razão e da verdade; a segunda seção, *linguagens de resistência x metafísica da presença* evidencia as diversas linguagens de resistência utilizadas pela comunidade LGBTQIA+ e como elas desafiam a metafísica da presença e luta contra os conceitos tradicionais de gênero e negocia com a lei do gênero. Em *(des) considerações finais* apresento algumas inconclusões sobre as questões abordadas durante a contextualização da escrita.

### **Jacques Derrida e a desconstrução da metafísica da presença**

A metafísica da presença é um conceito filosófico que aborda a natureza da existência e da realidade através da ideia de presença. É uma reflexão sobre como a presença de um ser ou objeto no mundo influencia sua essência e seu significado. A questão fundamental é como a existência de algo afeta sua própria existência e o ambiente ao seu redor. Neste contexto, a presença não se limita à simples existência física de algo, mas envolve também sua influência e impacto no mundo. A metafísica da presença questiona como a presença de um objeto ou ser transcende sua mera materialidade e se relaciona com outros seres e o ambiente em que está inserido (Derrida, 1973).

Um dos aspectos essenciais da metafísica da presença é a noção de que a presença de algo no mundo não é estática, mas dinâmica e em constante transformação. Além disso, a metafísica também aborda a questão da modernidade e da integridade da presença de um ser ou objeto. A presença autêntica é aquela que reflete a verdadeira essência do ser, sem tentativa de dissimulação ou manipulação. A integridade da presença está relacionada à coerência entre a presença manifestada e a essência intrínseca do ser ou objeto.

A partir da abordagem derridiana, podemos analisar a importância da temática da presença no pensamento filosófico. Conforme o autor, a tradição filosófica se baseia fortemente no conceito de presença, entendido como a ideia de que a verdade está associada à noção de algo estar presente atualmente. Isso significa que a verdade é definida pela existência ou pela conexão imediata com a realidade presente. No entanto, Derrida (1973) questiona essa noção de presença como fundamento último da razão e da verdade. Ele

argumenta que essa visão limita a compreensão do mundo e do conhecimento, pois exclui a possibilidade de lidar com as ausências, as diferenças e as ambiguidades que fazem parte da experiência humana. Para Derrida, a metafísica da presença impõe uma posição que privilegia o presente em detrimento do passado, do futuro e do porvir, assim como valoriza a ideia de um sentido único e estável em oposição à multiplicidade de interpretações e interpretações possíveis.

Ele propõe uma abordagem mais ampla e inclusiva, que considere as lacunas e as contradições que podem desafiar nossas concepções tradicionais de verdade. Nesse sentido, Derrida apresenta o conceito de diferença e a desconstrução como métodos para problematizar as oposições binárias e as polaridades fixas que sustentam a metafísica da presença. Sendo assim, sugere que devemos considerar e valorizar as margens que geralmente são negligenciadas pelo pensamento dominante.

A crítica de Derrida à metafísica da presença nos convida a repensar nossas suposições sobre a verdade, a realidade e o conhecimento. Ele nos desafia a considerar a complexidade e a instabilidade do mundo, bem como a abraçar a diversidade de perspectivas e interpretações que enriquecem nossa experiência humana. Nesse sentido, há um questionamento das noções tradicionais de presença e as novas formas de compreensão e significado.

O argumento de que o significado só pode existir em outras palavras e conceitos, e a diferença entre eles é fundamental para a produção de significado. Ao ver a linguagem como um meio de representar a realidade de forma transparente, Derrida enfatizou a natureza interativa e diferida da linguagem, mostrando como o significado está em constante processo de evolução e transformação. Ao desconstruir a metafísica da presença, Derrida desafia a ideia de que a verdade ou a realidade podem ser plenamente presentes, ou acessíveis ao pensamento humano. Em vez disso, ele destaca a importância da ausência, da diferença e da relação na produção de significado. Derrida explica que a desconstrução não é um método, pois o método fixa as modalidades possíveis de desconstrução, que são sempre “mais de uma”, mostrando as complexidades e contradições do pensamento filosófico, cultural e linguístico.

Pensando em linguagem, para Foucault (1999), o sujeito é formado nas relações de poder como um efeito do discurso, não sendo uma entidade preexistente, mas um efeito das interações discursivas e das práticas de poder na sociedade. Ele destaca o papel central do discurso na produção do sujeito, conferindo-lhe um poder disciplinador ao moldar identidades e comportamentos. Sua abordagem enfatiza a análise das relações de poder e das estratégias discursivas para compreender como os sujeitos são constituídos e como as formas de dominação são perpetuadas.

Consoante o entendimento das linguagens e das dinâmicas de construção de identidades, a noção de identidade vai além de uma visão simplista que se concentra apenas na individualidade, como ser homossexual, transexual, etc. A identidade é formada nas interações sociais, influenciada por padrões de inclusão e exclusão. Dessa forma, as identidades LGBTQIA + são moldadas por uma variedade de fatores, não apenas por um único elemento. A linguagem é central nesse processo, refletindo e influenciando as formas como as identidades são percebidas e vivenciadas pela sociedade (Silva, 2000).

A linguagem desempenha um papel fundamental para a população LGBTQIA +, dada a diversidade e complexidade de suas experiências. É importante entender que as identidades LGBTQIA + são diversas e únicas, variando na expressão e na vivência, uma vez que cada indivíduo tem sua própria experiência de gênero e sexualidade.

A linguagem utilizada para representar as identidades LGBTQIA + é dinâmica e reflete a constante luta dessa comunidade por visibilidade e aceitação social. Termos como LGBTQIA +, por exemplo, foram cunhados para abarcar uma ampla gama de identidades de gênero e orientações sexuais, em um esforço para promover uma maior inclusão. Além disso, a linguagem desempenha um papel significativo como forma de resistência e empoderamento para os indivíduos LGBTQIA +. Mediante expressões artísticas, como literatura, teatro, música e cinema, essa comunidade tem encontrado meios de reivindicar suas identidades e confrontar a discriminação e o preconceito. Um exemplo disso, são as ações da escritora e ativista Jota Mombaça que evidencia a resistência através de suas publicações e performances, bem como esta pesquisa que é um ato de resistência para dismantlar um sistema opressor.

É preciso reconhecer, no entanto, que a linguagem também pode ser utilizada como uma ferramenta de exclusão e violência contra a população LGBTQIA +. Termos pejorativos, piadas e estereótipos perpetuam frequentemente a discriminação e contribuem para a marginalização dessas pessoas. Assim, um esforço contínuo é necessário para educar a sociedade e promover uma linguagem mais inclusiva e respeitosa.

A resistência às questões de gênero e sexualidade vem geralmente acompanhada da violência e discriminação, voltadas, em geral, às minorias, ciclo do qual as resistências surgem previsivelmente, pois,

a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes o seu resultado dessas relações; enquanto as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de luta e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte (Revel, 2005, p. 74).

O entendimento desse conceito é fundamental para promover mudanças sociais e desafiar as estruturas de poder existentes. Jacques Derrida (2019, p. 253), com certo ar de ironia, questionou-se sobre a correlação, ou seja, a indissociabilidade entre poder e resistência, basta ver: “E se houvesse, alojada no próprio coração da lei, uma lei de impureza ou um princípio de contaminação? E se a condição de possibilidade da lei fosse o a priori de uma contra-lei, um axioma de impossibilidade que enlouqueceria o sentido, a ordem e a razão?” Ora, a resistência pode se manifestar de várias maneiras, como através de movimentos sociais, protestos, greves e ações individuais ou coletivas. É uma prática criativa e estratégica que surge em resposta à insatisfação com as relações de poder estabelecidas (Foucault, 1976). Ao criar espaços de luta, visa combater as opressões e desigualdades presentes na sociedade, dando voz às pessoas marginalizadas. Além disso, ela estimula a reflexão sobre as normas vigentes e encoraja a busca por alternativas além do que é imposto pelos sistemas dominantes. No entanto, muitas vezes, aqueles que se colocam contrários ao sistema enfrentam repressão, ameaças e violência. Mesmo diante dessas adversidades, a resistência continua sendo necessária e fundamental.

Ainda na análise de linguagem e suas relações com poder e resistência, para Anderson Ferrari:

É a linguagem e a cultura que parecem designar destinos diferentes para homens e mulheres e, nessas definições, criam as diferenças que vão servir para fixar as sexualidades. Não parece possível pensar em masculinidade e feminilidade no singular, assim como não é possível também esse mesmo tipo de raciocínio para a homossexualidade. Masculinidades e feminilidades são distribuídas em combinações variadas nos corpos e práticas de homens e mulheres, de forma que parece pertinente pensar em uma sexualidade para cada indivíduo, impossibilitando agrupar as diferenças em identidades a não ser à custa de pequenas diferenças individuais que interessam a cada grupo (Ferrari, 2015, p.11).

A linguagem e a cultura desempenham um papel fundamental na construção das identidades de gênero e na formação das diferentes sexualidades presentes na sociedade. Ao designar destinos diferentes para homens e mulheres, bem como ao criar definições que reforçam essas diferenças, esses elementos contribuem para a fixação e reforço dos padrões normativos de masculinidades e feminilidades. No entanto, é importante ressaltar que não é possível pensar em masculinidade e feminilidade de forma singular, assim como também é inviável adotar o mesmo raciocínio para a homossexualidade. Isso se deve ao fato de que as masculinidades e feminilidades são distribuídas de maneira variada nos corpos e práticas, resultando em uma ampla gama de combinações possíveis. Sendo assim, torna-se pertinente conceber a existência de uma sexualidade única para cada indivíduo, impossibilitando a categorização das diferenças em identidades fixas, a não ser à custa de

ignorar as pequenas diferenças individuais de interesse de cada grupo.

Essa noção de que as identidades de gênero e as sexualidades são fluidas e complexas desafia as visões binárias tradicionais, que tendem a restringir a diversidade humana a categorias rígidas e inflexíveis. Ao invés disso, reconhecer a multiplicidade das experiências de gênero e sexualidade permite uma abordagem mais inclusiva e respeitosa, capaz de acomodar a complexidade da diversidade humana. É fundamental que a sociedade busque questionar os padrões normativos que perpetuam desigualdades de gênero e discriminação, a fim de promover uma maior aceitação e respeito pela diversidade sexual e de gênero. Por meio da desconstrução de estereótipos, é possível abrir espaço para uma vivência plena e autêntica das identidades de gênero e das sexualidades, criando uma sociedade mais justa e igualitária para todes.

Derrida (1973) questiona a ideia de uma estrutura linguística estável e hierárquica, indicando que a linguagem é caracterizada pela diferença e pela ausência de um centro ou fundamento último. Para ele, a desconstrução é um processo contínuo e interminável de análise textual, que revela as contradições e lacunas presentes em qualquer discurso. Além disso, enfatiza a importância da desconstrução na crítica das características e oposições binárias presentes na linguagem, tais como presença/ausência, interior/exterior, verdade/mentira, processo que a auxilia as minorias no processo de desidentificação das ações regulatórias da diferença sexual (Butler, 2001), abrindo o leque de possibilidades de resistências frente às investidas de poder da sociedade.

### **Linguagens de resistência x metafísica da presença**

A linguagem de resistência é uma expressão que se manifesta por meio das diversas manifestações do indivíduo e está intimamente ligada às estratégias de relações de poder na tentativa de assegurar a liberdade aparente (sexual, linguística, corporal, artística, etc.) de todos os indivíduos, sendo, portanto, um processo de iterabilidade.

A reflexão sobre a linguagem nos leva a questionar: somos seres moldados pela linguagem? Nossa identidade é formada pela linguagem? Ou somos controlados pela linguagem? Segundo Ivan Capelatto, em palestra proferida através do canal Café Filosófico no Youtube, intitulada “A crise dos Gêneros” (2009), sob uma perspectiva lacaniana, a linguagem nos domina, pois é regida por regras, normas e leis, sendo que nos tornamos sujeitos a partir do momento em que somos confrontados pelo outro, uma vez que a linguagem antecede nossa existência. Nesse processo de adaptação, somos divididos, gerando conflitos e desafios nos quais a linguagem desempenha um papel central. Esse descompasso resulta no surgimento do estranho, que retorna ao processo de forma contínua.

Na fase de descompasso, a resistência surge constantemente nas bordas da borda, da margem de um descompasso, no sentido linguístico que pensamos ter controle. A linguagem de resistência surge, portanto, nessas margens, sobras e bordas, através dos excluídos, os que foram retirados no descarrilamento, tornando-se a borda, o erro, o resto, o que saiu da linha e descarrilou, mas que retorna com linguagens de resistências para lutar nesse processo cíclico de poder e resistência.

O processo de resistência por meio da linguagem pode ser ilustrado pela história da colonização estadunidense, na qual os negros e os povos indígenas foram forçados a adotar uma nova língua, cultura e formas de expressão corporal.

O processo de ressignificação é um dos movimentos da linguagem de resistência. Assim como houve com os negros escravizados no decorrer da história, a ressignificação ocorre na contemporaneidade por meio da ressignificação de palavras injuriosas, produzindo outras linguagens capazes de combater as diversas opressões desse sistema de poder que opera na sociedade patriarcal e heteronormativa, basta ver a construção de novas terminologias como o portugay<sup>4</sup> e pretoguês, que nos colocam à frente de lutas emblemáticas cuja linguagem é pensada como uma tecnologia de poder.

O pretoguês, termo cunhado por Lélia Gonzalez (1998), representa uma forma de linguagem de resistência adotada pela população negra, englobando não apenas a fala, mas também expressões culturais como danças. Essa forma de resistência surgiu como uma resposta ao processo de colonização imposto pelo colonizador. A autora explica:

Aquilo que chamo de “pretoguês” e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil [...], é facilmente constatável sobretudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o / ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente na totalidade (e isto sem falar nos dialetos ‘crioulos’ do Caribe) (Gonzalez, 1988, p. 70).

A africanização do português falado no Brasil é resultado do significativo número de africanos escravizados trazidos para o país durante a colonização. Esses africanos trouxeram consigo suas tradições culturais, incluindo suas línguas, que exerceram uma influência duradoura no português brasileiro. Características de pronúncia, entonação e ritmo das línguas africanas foram incorporadas ao português falado no Brasil, resultando em uma mistura linguística única e distintiva do português europeu. Essa influência é particularmente evidente nas regiões do Caribe, onde a presença e influência das línguas africanas foram especialmente marcantes. A incorporação de termos e expressões africanas à língua

---

4 Conforme Silva (2022), o portugay compõe todas as linguagens que a comunidade LGBTQIA + utiliza, na tentativa de uma inclusão, independentemente de orientação sexual e identidade de gênero.

foi descartada e desvalorizada por aqueles que detinham o poder, considerando-os como pequenos acréscimos e de menor importância. No entanto, essa influência teve um impacto significativo na evolução do português brasileiro, contribuindo para sua identidade singular e rica herança cultural.

A presença linguística dos africanos escravizados não apenas enriqueceu o português falado no Brasil, mas também foi uma poderosa ferramenta para reivindicar a herança africana e afirmar a autonomia das comunidades marginalizadas. Isso exemplifica a resiliência e a criatividade dessas comunidades ao utilizar a linguagem como meio de resistência e preservação cultural. A linguagem associada aos negros colonizados ofereceu uma via de resistência contra as opressões que enfrentaram.

É importante notar que a linguagem pode ser utilizada de maneiras diversas e até mesmo prejudiciais, podendo se transformar em discurso de ódio se não questionar a lógica binária e contribuir para a construção e desconstrução dos sujeitos. Para Butler:

O problema do discurso injurioso levanta a questão sobre quais são as palavras que ferem, quais as representações que ofendem, sugerindo que nos concentremos nessas partes da linguagem que são enunciadas, enunciáveis e explícitas. Ainda assim, a injúria linguística parece resultar não apenas das palavras utilizadas para se dirigir a alguém, mas também do próprio modo de endereçamento, um modo — uma disposição ou um posicionamento convencional — que interpela e constitui o sujeito (Butler, 2021.p.12).

Butler (2021) propõe que a linguagem e o discurso têm o poder de posicionar os indivíduos de maneiras específicas, influenciando e moldando suas identidades. Isso significa que não apenas as palavras que usamos, mas também como as usamos podem causar danos linguísticos. Portanto, é importante ir além dos aspectos explícitos e diretamente enunciados da linguagem e considerar as maneiras mais complexas pelas quais ela é utilizada.

Mesmo com toda distinção da linguagem, podemos afirmar que as pessoas LGBTQIA + conseguem consistentemente ressignificá-la, em um processo que incluem e constroem, brigando cara a cara com o sistema opressor. Assim, pensar essa resistência como um confronto às formas de poder sociais e históricas implica se opor aos binarismos homem/mulher cisgêneros, Deus/Diabo, bem/mal, em específico essa dicotomia homem/mulher estamos nos referindo a cisgeneridade, que em si produz um binarismo na sociedade, enfatizando as dicotomias binárias.

A lógica do binarismo sexual e a diferença entre homossexualidade e heterossexualidade são efeito da submissão da potência do corpo a um processo de industrialização da reprodução sexual. Nossos corpos são reconhecidos apenas como potenciais produtores de óvulos ou espermatozoides, conduzidos a uma cadeia familiar-fordista, na qual estão

destinados a reproduzir-se (Preciado, 2022, p. 22).

Essa lógica, imposta historicamente, está profundamente enraizada em nossa sociedade; conecta o corpo e sua identidade sexual ao trabalho, criando uma economia reprodutiva e criando o “outro”, aquele que não se enquadra na organização social. Contrapondo a essa estrutura opressora, a comunidade LGBTQIA +, por exemplo, demonstra que não existe uma única maneira de expressar a sexualidade ou a identidade de gênero.

As travestis, as monas, as viadas, as bichas, a bicharada, todas e todes precisam resistir e serem ouvidas, pois a utilização de suas resistências deve ser colocada em um local não de submissão, mas de visibilidade. A comunidade LGBTQIA+, contudo, contempla identidades para além da feminilidade, seja nas masculinidades, seja das não-binaridades, apesar do uso do artigo “a”, podemos pensar também em transmasculinidades, tendo em vista a comum e equívoca universalização das transfeminilidades ou das cisgeneridades homossexuais, frequentemente pertencentes à branquitude, dentro dos movimentos LGBTQIA +. Em uma das diversas paradas LGBTQIA + presenciamos o seguinte diálogo: “E aí, viado, pegou meu acué?”; “Calma, mana, deixa aquendar a neca que pego”. Isso nos mostra a diversidade presente na linguagem LGBTQIA +, sendo uma das diversas linguagens de resistência da comunidade.

O uso de termos como “acué”, “mana” e “neca” pode não ser familiar para quem está fora da comunidade, mas eles têm um significado e servem como uma forma de comunicação e expressão identitária na cultura LGBTQIA +, evidenciando que está em constante evolução e adaptação para refletir as experiências e identidades dos membros de sua comunidade. É uma linguagem determinante, potente e específica, permitindo que os indivíduos se expressem de forma autêntica e encontrem um sentimento de pertencimento.

Em “Memórias de plantação”, Kilomba (2019) nos lembra que a língua, por mais poética que possa ser, possui também função política de criar, fixar e manter relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. Sendo assim, podemos exemplificar o lugar dos LGBTQIA +, minorias citadas como precursoras de movimentos de luta e resistência para se opor a um sistema, mesmo fazendo parte dele e das ações cíclicas que os envolvem. Ao marginalizar essa população por meio de discursos e estereótipos, eles foram colocados em locais subalternizados, considerados anormais e desumanos.

Por meio das linguagens de resistência, às minorias, às margens, criam e realizam uma lógica de subversão às normas impostas, no intuito de escapar do binarismo, da dicotomia homem/mulher cisgêneros. Por isso, defendo que as linguagens de resistência estão em

um campo linguístico e corporal. É um ramo da linguística (cuier) *queer*, cujo objetivo é investigar como os indivíduos não normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances corporais e linguísticas (BORBA, 2015) para corroborar em análises que envolvem as produções de linguagem, com sua amplitude, e incorporar estudos da sociolinguística, antropologia linguística e análise do discurso.

A linguística (cuier) *queer*, em constante diálogo com teorias sociais, culturais e linguísticas, postula que as identidades não são fixas ou essenciais, mas sim moldadas pelo ambiente social e cultural. Os pesquisadores da linguística (cuier) *queer* exploram estratégias diversas, como linguagem ambígua, jogos de palavras e trocadilhos, para compreender como as identidades não normativas são moldadas e desafiadas no discurso cotidiano. Por meio da análise de performances corporais e linguísticas, eles investigam as estratégias de resistência adotadas por esses indivíduos, bem como eles confrontam ou reforçam as normas e expectativas sociais.

Derrida argumenta que a linguagem é a estrutura central na desconstrução da metafísica da presença — a ideia de que o significado ou a essência das coisas é imediatamente acessível. Para Derrida, a linguagem não reflete a realidade diretamente; ela é composta de signos que sempre remetem a outros signos, num processo que ele chama de diferença. Esta análise revela que o significado nunca está plenamente presente, mas sempre adiado. A crítica de Derrida à metafísica clássica se foca na ideia de que esta busca por uma base ou origem última das coisas é uma tentativa falha de buscar a presença plena. Derrida propõe, então, uma nova compreensão do ser como algo que não é fixo, mas sim constantemente produzido e alterado através da linguagem. Essa visão desestabiliza a ideia de uma realidade objetiva e imutável, sugerindo uma fluidez no ser e no conhecimento.

A desconstrução da linguagem tem profundos efeitos sobre nossa percepção da realidade e da presença. Ao compreender que o significado é sempre adiado, começamos a ver a realidade não como algo absoluto, mas como algo influenciado pela interação de textos, interpretações e contextos. Este entendimento permite uma abertura para múltiplas interpretações e significados, contrariamente à busca por uma única verdade ou significado.

A desconstrução da linguagem e da metafísica da presença em Derrida propõe uma ruptura radical com as estruturas tradicionais de pensamento, sugerindo que o significado e a compreensão são sempre incompletos, em fluxo, e dependentes de contextos e interpretações. Este pensamento tem influenciado profundamente não só a filosofia, mas também a literatura, a crítica, a teoria cultural e outras áreas do conhecimento.

Assim, as linguagens de resistência que desafiam a lógica binária e lutam diariamente contra a metafísica da presença, sendo assim temos o Pajubá que é reconhecido como uma linguagem que desempenha um papel significativo na construção da identidade da comunidade LGBTQIA +. Originada entre travestis, ela se expandiu para outros grupos, sofrendo transformações e incorporando novas palavras ao longo do tempo. Essa adaptação criativa foi uma resposta de resistência em um dado momento da história, tornando o Pajubá uma linguagem emblemática de resistência para essa comunidade.

O Pajubá transcende sua função meramente vocabular, assumindo um papel de performatividade que desafia e transcende os padrões binários de gênero colonial, fomentando o reconhecimento e acolhimento de identidades que não se enquadram nas convenções tradicionais de gênero e sexualidade. Ao adotar essa linguagem e suas performatividades, a comunidade LGBTQIA + afirma sua existência e busca a transformação das estruturas sociais excludentes e marginalizadoras. Essa prática desafia as normas estabelecidas, promovendo a diversidade de identidades de gênero e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e respeitosa (BUTLER, 2021).

As linguagens pajubeiras (outra terminologia para o Pajubá) subvertem a heteronormatividade, considerando a fala, as manifestações corporais, como risos, jeitos, trejeitos e roupas, com uma linguagem apimentada e uma completa “fechação”. Essa subversão e gongação das normas não se restringe à heteronorma e às normas de gênero, mas envolve, ainda, normas gramaticais e de comunicação da Língua Portuguesa como língua de prestígio, que ocupam centralidade e nos colocam à margem. É, portanto, nessa margem que surge o Pajubá, nas ações de resistência das minorias, especialmente de travestis e transexuais, que logo se espalharam pelo mundo LGBTQIA +.

Além do Pajubá, temos a linguagem inclusiva que é um conjunto de recursos linguísticos que busca abranger e representar diversas minorias. Inicialmente conhecida como linguagem neutra, essa abordagem adiciona letras às desinências de gênero para refletir sua neutralidade. É, também, frequentemente associada a não binaridade de gênero e ao apoio à comunidade LGBTQIA +.

A consideração de linguagem neutra foi definida por toda a sociedade marginalizada e abjeta, neste caso a comunidade LGBTQIA +, na amplitude da comunidade que não se resume a dissidências sexuais, como também gênero, e, dentro das dissidências de gênero, há mais para além das transfeminilidades e das não-binaridades, assim no intuito de corroborar com o gênero neutro, pois é sabido que a língua(gem) não é neutra e carrega consigo diversos padrões e normas, aspectos presentes especialmente na Língua Portuguesa. Daí que surgem os movimentos para criar e demarcar a existência de outras possibilidades

de fala e escrita, com intuito de mostrar que a Língua Portuguesa determina o masculino como linguagem geral e exclui alternativas de gênero.

A linguagem de resistência extrapola o uso do pajubá e da linguagem inclusiva; se inscreve em gestos, ações, palavras, roupas, performances realizadas com intuito de desconstruir limitações heteronormativas, discursos que impõem posições de sujeito naturalizadas. Essa linguagem é, sobretudo, uma forma de luta constante pela sobrevivência. A nossa resistência maior é existir dia a dia, tendo que (sobre) viver com anseios, LGBTfobia, sem oportunidades no mercado de trabalho, etc.

Monteiro (2009) argumenta que a resistência se manifesta em uma variedade de objetos, como adereços, roupas, utensílios e ações corporais, sendo essenciais para os movimentos sociais das minorias. Através das vestimentas e dos gestos corporais, podemos observar as várias formas de resistência enfrentadas pelas minorias em suas relações de poder, onde ocorre um processo de assujeitamento. No livro “Não vão nos matar agora” (2021), Jota Mombaça analisa como o uso de vestimentas se torna uma forma de expressar suas lutas. É evidente que, mesmo sem intenção, as roupas usadas pelos dissidentes podem atrair violência para seus corpos, por serem vistas como símbolos de diferença, luta e resistência.

Diante das diversas linguagens de resistência, e dialogando com Jacques Derrida e sua prática da desconstrução, são ações fundamentais para desafiar as estruturas de poder, as tradições de significado e as noções tradicionais de verdade e presença na filosofia. Sua abordagem crítica e inovadora continua a influenciar não apenas a filosofia, mas também a teoria literária, a estética e outras áreas do pensamento contemporâneo. E acima de tudo, nesta abordagem auxilia a desconstruir as ações regulatórias de gênero, que nos enquadram em regimes regulatórios e normatizadores.

### **(des) considerações finais**

Jacques Derrida foi um filósofo francês conhecido por sua abordagem inovadora da filosofia, especialmente em relação à desconstrução da metafísica da presença. Derrida questionou a ideia tradicional de que a filosofia deveria se concentrar na busca pela verdade ou na presença plena de ser. Em vez disso, ele argumentou que o pensamento filosófico favorece frequentemente a noção de presença em detrimento da ausência, criando assim uma posição na qual o presente é valorizado em relação ao ausente. A desconstrução de Derrida é uma técnica filosófica que visa expor e desafiar as oposições binárias e as afirmações de significado que estão muitas vezes presentes na filosofia tradicional. Ao desestabilizar essas oposições, Derrida destaca a complexidade e a indeterminação do significado,

mostrando que os conceitos que consideramos fundamentais são, na verdade, construções arbitrárias e contingentes.

As linguagens de resistência e a metafísica da presença são dois conceitos que refletem diferentes abordagens em relação à comunicação e à expressão. Enquanto as linguagens de resistência se caracterizam por serem formas de comunicação que desafiam as normas e estruturas formuladas, a metafísica da presença tem em vista explorar a importância do momento presente e da interação na interação humana.

As linguagens de resistência podem se manifestar de diversas maneiras, como a arte de rua, o grafite, a música de protesto, entre outras formas de expressão que buscam questionar e confrontar injustiças e desigualdades, desafiando as estruturas de poder e questionando as normas sociais, entrando em confronto direto com a metafísica da presença, sendo assim, esses questionamentos abalam as estruturas convencionais e questionam o *status quo*.

As reflexões sobre a questão da diferença foram fundamentadas em Derrida (1973), particularmente em seu livro “Gramatologia”, e nas discussões acerca da “Lei do gênero” (DERRIDA, 2019), cujas contribuições são fundamentais para os estudos da linguagem, para os estudos étnicos, de gênero e (cuier) queer, revisitando questionamentos importantes que desafiam as estruturas dominantes que nos enquadram em sistemas regulatórios de gênero, mas que precisamos de ações efetivas que visam nos desidentificar destas ações regulatórias.

Contra-pondo-se à metafísica, baseada numa organização binária do mundo, o filósofo me levou a perceber que nenhum nome ou identidade é estático, ou imutável. Em outras palavras, nomes e identidades não possuem significados absolutos, mas são construídos e modificados ao longo do tempo. Com seus arquiconceitos, “différance” e “rastro”, desafiou o pensamento binário (significante/significado, homem/mulher cisgêneros, sensível/inteligível), indo contra a lógica de retorno a uma origem plena, um ponto fixo de onde se emanaria o significado. Derrida colaborou para pensar na impossibilidade de separação dos gêneros, sejam eles literários, sexuais.

Com Derrida e sua desconstrução não há oposição possível, senão derivas, aporias e complexidade do pensamento que se desdobra em paradoxos. Isso não tem a ver com um diletantismo, mas com uma ética como abertura à alteridade.

Como já discutido, Derrida trouxe reflexões profundas acerca da estrutura da linguagem, da desconstrução, entre muitos temas direcionados à diferença. Suas ideias desafiaram e desafiam continuamente conceitos estabelecidos, provocando debates em diversas áreas do conhecimento. No contexto de devires minoritários, especificamente o comunitarismo,

Derrida alertou para o perigo da exclusão e da supremacia de uma minoria. O comunitarismo, movimento que valoriza a identidade do grupo sobre o individual, pode, em uma interpretação extremada, entrar em conflito direto com a teoria de Derrida sobre a diferença. O filósofo destaca a importância do “outro”, da alteridade, como fundamental para a instância do “eu”, numa relação de diferença que se encontra sempre em devir, nunca estática ou completamente definível. Assim, qualquer forma de comunitarismo que ignora interdependência dinâmica e busque estabelecer uma identidade fixa, uma supremacia de grupo, acaba por promover a exclusão, paradoxalmente, desvalorizar a rica singularidade humana.

Na sociedade de hoje em dia, há grupos que lutam para manter suas diferenças culturais, linguísticas e religiosas. Isso pode causar problemas para as pessoas que não se encaixam nessas regras. O perigo reside na potencial transformação desses grupos em espaços que não apenas rejeitam a diferença, mas também podem demarcar forma de supremacia sobre outras minorias ou mesmo sobre a sociedade mais ampla.

Derrida ensina que a verdadeira inclusão, respeito pela diferença requerem uma constante reflexão sobre como nossas ações afetam o “outro”. Isso implica reconhecer e valorizar a alteridade e singularidade nos próprios movimentos minoritários, evitando assim a armadilha do comunitarismo fechado sobre si. A complexidade da identidade individual coletiva deve ser vista como um conjunto de diferenças em constante interação, nunca completamente resolvida ou acabada.

A reflexão de Derrida sobre os devires minoritários e as críticas ao comunitarismo esclarece o perigo iminente de uma homogeneização que exclui nos aprisiona, em vez de liberar. Sendo assim, precisamos reavaliar constantemente nossas práticas e discursos, para promover uma sociedade que verdadeiramente valorize a multiplicidade e singularidade. Assim, entendendo e incorporando as lições de Derrida, podemos trabalhar para evitar os perigos do comunitarismo, caminhando em direção a uma convivência mais inclusiva para todos, no qual a crítica à metafísica da presença e uma variedades de linguagens de resistência fazem parte de um processo inclusivo.

---

### **Bibliografia**

A CRISE dos gêneros: Ivan Capelatto. [S. l.:s. n.], 2019. 1 vídeo (52:55). Publicado pelo Café Filosófico CPFL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hBJhnp0fKNQ>. Acesso em: 21 mar. 2022.

- BORBA, Rodrigo. Linguística. **Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem**. Disponível em: editor, +7+-+linguística+queer+entrelinhas+2015(1)+VF%20(2).pdf. Acesso em 15. março. 2022.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CERTEAU, M. (1984). **The practice of everyday life**. University of California Press, Berkeley.
- DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. Tradução: Nicole Alvarenga Marcello e Carla Rodrigues. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 10, n. 2, p. 250–281, 2019.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 79-123, 2003.
- FERRARI, Anderson. A “bicha banheirão” e o homossexual militante: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. **29ª Reunião anual da ANPED**: Caxambu, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. Vol. I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. Vol. II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora / UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017 (Série Cadernos da Diversidade, vol. 6).
- MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 2016.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?**. 2015 Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em 20 maio. 2022.
- MONTEIRO, Luciana Fogaça. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17831>. Acesso em: 10. Dezembro.2022.
- MONTEIRO, Hugo. **Língua, linguagem e poder: opressões na palavra**. Disponível em: <https://acervo.racismoambiental.net.br/2015/07/13/lingua-linguagem-e-poder-opressoes-na-palavra/>. Acesso em: 20. Dezembro.2022.

- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** /Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- VIP, A; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da línguaafiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.